

HAMLET: UMA EXPRESSÃO DA CORRUPÇÃO HUMANA**HAMLET: AN EXPRESSION OF THE HUMAN CORRUPTION****Valdomiro Polidório¹**

polidorio@hotmail.com

Raquel Jurkevicz²

raquel.jur@hotmail.com

Poliana Sella³

poli_sella@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, analisamos a corrupção expressa nas relações pessoais presentes na tragédia shakespeariana *Hamlet*. Essa peça, caracterizada por Heliodora (1998) como uma tragédia de vingança, enfoca o Rei Cláudio que, após cometer regicídio contra o próprio irmão, casa-se com a cunhada, iniciando, assim, uma cadeia de corrupções envolvendo várias personagens da peça. Cada ato dele tem como objetivo firmar seu reinado e livrar-se do sobrinho Hamlet, seu principal opositor. A corrupção, para Bezerra (1995), instaura-se quando a esfera pública é usada para benefício individual. Diferentemente do que se espera de um rei, Cláudio é egoísta e dissimulado, é a expressão máxima do corrupto(r): ele manipula, intimida e instiga os desejos alheios com a intenção de beneficiar-se. Várias imagens, como a escuridão, o veneno, a podridão e a sujeira, presentes na peça, são uma referência à corrupção que apodreça as relações e o reino como um todo. Por julgarmos que a obra de Shakespeare é suficientemente rica em significados, nossa análise centrou-se nos diálogos entre as personagens da tragédia.

Palavras-chave: *Hamlet*. Corrupção. Relações humanas.

Abstract: In this article, we analyze the corruption expressed in the human relationships present in the Shakespearean tragedy *Hamlet*. This play, characterized by Heliodora (1998) as a revenge plot that focus the King Claudius who, after committing the regicide of his brother and marrying his sister-in-law, begins to form a chain of corruptions, involving several characters of the play in order to firm his kingdom and discharge from his nephew Hamlet, his main objector. The corruption, according to Bezerra (1995), is introduced when the public sphere is used to personal benefit. Differently than expected from a king, Claudius is selfish and disingenuous, he is the utmost expression of the corrupt(er): he manipulates, intimidates and instigates the wishes of others with the intention of having benefit to himself. Many images, as the darkness, the poisoning, the rottenness and the dirt, present in the play, are references to the corruption which rots the relationship and the kingdom as a whole. Judging that Shakespearean work is sufficiently wealthy of meanings, our analysis was focused in the dialogues between the characters of the tragedy.

Key words: *Hamlet*. Corruption. Human relationships.

¹ Professor de Literaturas de Língua Inglesa da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel.

² Acadêmica do Curso de Letras da UNIOESTE - Campus de Cascavel.

³ Acadêmica do Curso de Letras da UNIOESTE - Campus de Cascavel.

Introdução

A peça teatral de William Shakespeare, *Hamlet*, é, segundo Heliodora (1998), uma “tragédia de vingança”, pois toda a sua trama gira em torno da vontade que o personagem Hamlet tem de se vingar do assassino de seu pai, que é o próprio tio e atual rei da Dinamarca. Ressaltamos que o desejo de vingança é algo inerente ao ser humano, e nisso está a beleza da obra shakespeariana, em colocar em evidência o ser humano com suas falhas e virtudes, vileza e nobreza, bem e mal. Para Polidório (2009), “ler Hamlet é ter contato com aspectos de nossa vida, aspectos que nos fazem questionar e tentar entender situações que acontecem ou aconteceram durante nossa trajetória” (p. 02). O filosofar do personagem Hamlet é o nosso filosofar, os seus questionamentos e suas dúvidas são os nossos também. Segundo Honan (2001), “Hamlet é de um nível artístico superior a qualquer outra peça anterior a ela; e, na verdade, é possível mesmo que apenas três peças posteriores a ela alcancem o mesmo nível singular de qualidade artística: *Rei Lear*, *Macbeth*, e *Otelo*” (p. 338).

Na trama da tragédia, o príncipe toma conhecimento do envolvimento do tio no regicídio por meio da aparição do fantasma de seu falecido pai. A partir daí, Hamlet sente-se obrigado a agir contra as ações corruptas de Cláudio. Portanto a vingança de Hamlet é necessária, porque o reino da Dinamarca está sendo corrompido pelo próprio rei.

A corrupção é o cancro que assola a Dinamarca. É isso que corrói Hamlet, é isso que o sufoca. Cláudio é o personagem que representa toda essa corrupção. Foi ele quem cometeu o regicídio e quem, portanto, inverteu a ordem natural da vida. A podridão existente na obra se refere à corrupção. Vemos Cláudio como o vilão que corrompeu Gertrudes, Laertes e Polônio, praticamente todas as personagens, com exceção de Hamlet e de Horácio. Ele não tem a lábia de Iago - personagem corrupto(r) que protagoniza a peça *Otelo*, também de Shakespeare -, mesmo assim, consegue o amor de Gertrudes; usa Laertes e Polônio sempre com o intuito de manter o poder conquistado não em cima de muito sangue, como em *Macbeth*, mas em cima da mentira e da sutileza.

Não devemos nos esquecer de que o próprio Hamlet vê corrupção nas mulheres, talvez pelo fato de que o retrato da figura feminina que ele conhece seja justamente o de sua mãe, que se deixou corromper por Cláudio. Gertrudes se corrompeu quando se casou com seu cunhado, o que na época era considerado uma união adúltera. Hamlet acredita que a corrupção que atingiu sua mãe, transformando-a em adúltera, poderá atingir Ofélia. Essa pode ser uma das razões pela qual ele afasta Ofélia de si.

Partindo desses pressupostos, analisaremos a tragédia Hamlet e a corrupção que permeia toda a obra.

Corrupção, o Limite Entre a Amizade e o Interesse Pessoal

De acordo com Rios, “A corrupção, em sentido amplo, está latente em toda relação humana, na perversão de sua natureza e finalidades próprias” (1987, p. 86). O autor afirma, ainda, que “a corrupção é produto de uma ética invertida, no seu cerne, identifica-se a ideia de reciprocidade, ou seja, um elemento da equidade e da justiça” (RIOS, 1987, p. 88). Portanto, a corrupção é uma conduta naturalmente presente em nós, seres humanos, independente do contexto histórico e social que nos envolve. Para Bezerra (1995),

A corrupção não é um fenômeno exclusivo de uma sociedade ou de um momento em seu ‘desenvolvimento’ [...], pois está presente nas formações sociais mais distintas [...]. O fenômeno da corrupção possui uma dimensão legal, histórica e cultural que não pode ser negligenciada quando se busca analisá-lo (p. 12).

A corrupção acontece em meio a nossas atividades cotidianas, mistura-se a nossas relações pessoais e de trabalho e, por isso mesmo, pode ocorrer sem que a percebamos. Por exemplo, no âmbito familiar, é considerado natural que se recorra à ajuda de alguém quando se necessita de algum favor. Contudo, quando isso é extrapolado para a esfera social mais ampla, tornando-se natural que se peçam favores a amigos e familiares influentes, quando se necessita de algum favorecimento na esfera pública, instaura-se então a corrupção. De acordo com Bezerra (1995), “as pessoas beneficiadas e o beneficiador podem apenas considerar que o dever para com os parentes e amigos foi cumprido” (p. 41). Porém, nesse ponto, rompe-se a delicada barreira entre a amizade e a corrupção, usa-se da esfera pública para favorecimento individual, com consequentes prejuízos à sociedade ou a parte dela.

Outros pontos levantados por Bezerra (1995) são a obrigatoriedade gerada na relação de amizade e as falsas amizades. Para ele, “entrar em uma relação de amizade é colocar-se numa condição de obrigação, a obrigação de retribuir ao parceiro pelo serviço ou pela ajuda recebida” (BEZERRA, 1995, p. 42). Em relação às falsas amizades, as pessoas são vistas como vias de acesso a outras ou meios de obter o que se deseja. Quanto mais extensa e mais influente a rede de amigos, mais influente é a pessoa. É fato que nas relações interpessoais, amigos geram favores e presentes, e favores e presentes geram amigos. Contudo, quando os presentes ou favores gerados violam o interesse comum, novamente há a presença da corrupção. Como afirma Bezerra (1995), “uma prática é considerada corrupta quando o interesse comum, pensado como algo que tem existência e pode ser identificado, é violado em

função da preocupação com ganhos particulares” (p. 13). Essa situação se agrava quando pessoas que detêm influência econômica e social estão envolvidas nessas trocas de favores. Cláudio viola o interesse comum em função de sua preocupação com os próprios ganhos. Ele não mede esforços para continuar no poder e tirar proveito dessa situação. A introdução que Shakespeare faz do elemento fantástico na obra, ou seja, a aparição do espectro do Rei Hamlet propicia o estabelecimento da ordem novamente. É o que poderá ser observado, adiante, a partir das relações estabelecidas pelo personagem Cláudio em *Hamlet*.

A Corrupção das Relações Pessoais em *Hamlet*

Cláudio apresenta-se como corrupto e corruptor, ele perverte outras pessoas que estão próximas a ele. Suas corruptas ações se mostram em duas situações distintas durante a peça: quando ele comete a ação pensando em seus próprios interesses sem considerar o bem-estar comum e quando usa de seu poder para realizar tais ações, como no momento em que comete regicídio; no instante em que trama a morte de Hamlet para que não revele seu real caráter; quando corrompe as pessoas ao redor, seja pelo poder que exerce sobre elas, seja pelo convencimento, como fez com Laertes. A respeito do personagem Cláudio, Heliodora (1995) afirma:

[...] exímio corruptor, corrompe a rainha, Polônio, Laertes, Rosencrantz e Guildenstern de modo tal que sua própria presença no trono se apresenta como um veneno que, aos poucos, se iria espalhando pelas veias do Estado, não é de espantar que a imagem dominante seja a de podridão, de corrupção [...] (p. 101).

Tomando por base o que foi dito anteriormente sobre corrupção - considerando-se como atos de corrupção o favoritismo, o suborno, as associações e acordos que beneficiam apenas algumas pessoas, o abuso do poder, o uso do poder para atender a interesses próprios - podemos identificar muitos atos corruptos na conduta do personagem Cláudio. É uma denúncia que Shakespeare faz de algo que está presente na sociedade de qualquer época. O grande bardo nos faz refletir sobre esse cancro que, em países como o Brasil, por exemplo, infelizmente, se destaca. Essa é uma das características da literatura de qualidade, no caso, a literatura shakespeariana, de apresentar-nos aspectos inerentes à natureza humana, e que, portanto, não se extinguem. A corrupção de Cláudio é a mesma que aflige a humanidade desde os primórdios.

Segundo Bradley (2000), a ascensão de Cláudio ao trono fez com que a população mudasse seu comportamento em relação a ele, como podemos ver no trecho a seguir:

People made mouths at him [Claudius], in contempt while his brother lived; though, when he came to the throne, they spent large sums in buying his portrait, he evidently put little reliance on their loyalty. He was no villain of force, who thought of winning his brother crown by a bold and an open stroke, but a cut-purse who stole the diadem from a shelf and put it in his pocket (BRADLEY, 2000, p. 169).⁴

Desse modo, Bradley (2000) dá-nos um panorama da forma dissimulada e corruptora que Cláudio usou para obter a coroa e as demais vantagens com o assassinato do irmão.

A partir de agora, buscaremos analisar a peça de acordo com a orientação dada por Polidório (2009), que aponta que, “Como se trata do gênero drama, as falas dos personagens nos fornecem todo o material de análise de que necessitamos” (p. 03). Portanto, centraremos nossa análise nas falas dos personagens. A magia do drama shakespeariano está na capacidade do grande bardo de explorar o poder dos diálogos ou dos solilóquios, usando um vocabulário riquíssimo que nos envolve, prende nossa atenção e, principalmente, nos convence. O poder da palavra é muito importante nas peças shakespearianas. Devido a isso, devemos estar atentos ao uso da linguagem das personagens, cada fala cria as imagens que estudaremos aqui.

Iniciaremos a análise pela relação de Cláudio com Polônio, personagem usado pelo Rei como uma extensão de seu ouvido, devido a sua posição social e política. Como parece que todos ignoram que o Rei Hamlet fora assassinado por Cláudio, exceto Hamlet, ele usa Polônio para vigiar, investigar as atitudes de Hamlet, como se estivesse com as melhores intenções. Isso se caracteriza como uma temática que Shakespeare usava muito, ou seja, aparência X realidade. É fácil aparentar, dissimular, quando se é corrupto. Isso não acontece com Hamlet, que diz no início da peça que não sabe parecer, mas que também, no decorrer do enredo, necessita do uso da aparência para poder se proteger de Cláudio. Percebemos como, de certa forma, os personagens tiram proveito de suas relações para benefício próprio. Desse modo, podemos dizer que Polônio é um exemplo muito claro de pessoa que é beneficiada pelo favoritismo, como percebemos no trecho em que o rei fala com Laertes, filho de Polônio:

Rei: [...] Que me pedirias, Laertes, que meu oferecimento não antecederse seu pedido? A cabeça não é mais aliada ao coração, nem a mão mais útil à boca, do que o trono da Dinamarca a teu pai. Que gostarias de possuir, Laertes? (SHAKESPEARE, 1981, p. 208, ato I, cena 2).

⁴“As pessoas pronunciavam-se sem convicção a respeito dele [Claudio], com desprezo, enquanto seu irmão estava vivo; contudo, quando ele assumiu o trono, eles gastaram grandes somas para comprar o seu retrato; ele, evidentemente, pôs pouca confiança na lealdade deles. Ele não era um vilão pela força, o qual pensava em ganhar a coroa do seu irmão em um choque aberto e vigoroso, mas um batedor de carteira que roubou a diadema da prateleira e a pôs em seu bolso”. (Tradução nossa)

Durante toda a peça, Polônio é apresentado como o “braço direito” do rei, fiel e muito obediente. Ele não chega a tomar conhecimento dos planos mais perversos de Cláudio, mas suas ações indiretas repercutem nas ações ilegais do rei, a fim de manter o seu reinado, como na passagem em que se dispõe a ouvir a conversa de Hamlet e Gertrudes, para depois contar as novidades ao rei.

Rosencrantz e Guildenstern também obedecem cegamente às recomendações do rei, como percebemos nos trechos:

Rainha: [...] vossa atenção receberá os agradecimentos que correspondem ao reconhecimento de um rei.

Rosencrantz: Vossas Majestades possuem soberana autoridade sobre nós para expressar seus respeitáveis desejos mais como ordem do que como pedido. (SHAKESPEARE, 1981, p. 231, ato II, cena 2).

Hamlet: [...] Além disto, uma esponja fazer-me perguntas! Que resposta deveria dar o filho de um rei?

Rosencrantz: Achais que eu seja uma esponja, meu senhor!

Hamlet: Sim, senhor; que suga os favores do rei, suas recompensas, suas atribuições [...] (SHAKESPEARE, 1981, p. 281, ato IV, cena2).

Na primeira passagem, percebemos, claramente, a recompensa oferecida aos dois homens pelos serviços prestados, quando a rainha fala em agradecimentos correspondentes ao reconhecimento de um rei. Essa situação de suborno vem ao encontro do que afirma Rios (1987): “o corrupto e o corruptor empenham-se numa relação de troca que a cultura e os *mores* muitas vezes sancionam. O que mantém a sociedade não são os ditames formais da lei, mas a teia invisível das obrigações, das relações de prestígio e poder” (p. 89).

Cláudio utiliza tal vassalagem para satisfazer os seus interesses, assim como faz com Polônio, por exemplo, quando pede que acompanhem os passos de Hamlet para descobrirem qual a causa de sua perturbação, que vigiem as ações de Hamlet, e quando pede que o levem para a Inglaterra.

Cláudio também exerce influência e poder sobre Gertrudes. As falas da rainha sempre aparecem permeadas pelas palavras proferidas pelo rei, que a trata como uma pessoa submissa. Cláudio faz com que Gertrudes participe, de certa forma, de todo o sistema que envolve os seus atos corruptos, já que é o casamento com ela que o torna rei; portanto, ela também é corrompida por Cláudio e serve para o alcance de seus interesses.

O rei também demonstra ser corruptor nas relações estabelecidas com Laertes, quando utiliza a raiva deste para agir contra Hamlet. Na verdade, Laertes já possuía em mente o plano de matar Hamlet, pois estava com muita raiva dele pelo assassinato de Polônio. O rei, ao

invés de apaziguar a situação, incentivou o “direito” à vingança do jovem, o que lhe era muito vantajoso, pois assim ele utiliza Laertes a fim de se livrar do sobrinho. Nos trechos seguintes, encontramos partes da fala do rei que encorajam Laertes a agir contra Hamlet: “Rei: [...] Laertes, teu pai te era caro? Ou és semelhante à imagem de uma dor, a um rosto sem coração?” (SHAKESPEARE, 1981, p. 298, ato IV, cena7), e em “Rei: [...] Que estás disposto a fazer para te mostrares digno de teu pai, com atos, mais do que com palavras?” (SHAKESPEARE, 1981, p. 299, ato IV, cena 7).

Além de corromper as pessoas ao seu redor, Cláudio comete atos corruptos por si mesmo. Assim, o assassinato do próprio irmão passa a ser um ato corrupto, pois ele age a fim de alcançar seus objetivos pessoais, sem considerar o bem-estar do povo, que era governado por aquele rei, muito menos pensa no laço de parentesco que os ligava.

Ele também age friamente no momento em que percebe, logo depois que a peça teatral é encenada no castelo, o risco que Hamlet pode representar para ele. Rosencrantz e Guildenstern vão ao encontro de Hamlet e, no meio da conversa, ele demonstra saber das ordens do rei dadas aos dois homens, informação que, provavelmente, fora repassada ao rei e o levou a decidir livrar-se do príncipe assim que possível, alegando o problema da loucura de Hamlet, como lemos em: “Rei: Não gosto dele, nem é seguro para nós dar-lhe rédea curta à loucura. [...] As circunstâncias de nosso Estado não permitem a tolerância de azares perigosos, como a cada momento, originam os acessos de loucura.” (SHAKESPEARE, 1981, p. 270, ato III, cena 3). A partir desse momento, Cláudio tratará o príncipe como uma peça perigosa para o seu reinado. Mais uma vez corrompe Rosencrantz e Guildenstern, a fim de que preparem a viagem que levará Hamlet à Inglaterra, mentindo-lhes e utilizando a obediência deles para que seus atos corruptos sejam ocultados.

Podemos também ver, pelo excerto a seguir, que Hamlet tinha consciência das atitudes corruptoras de Cláudio: “Hamlet: E tudo para viver no meio do hediondo suor de um leito infecto, preparado na corrupção, afagado e fazendo amor numa imunda sentina!...” (SHAKESPEARE, 1981, p. 276, ato III, cena4).

Para Spurgeon (2006), a imagística nas obras de Shakespeare é de extrema relevância. Em *Hamlet*, por exemplo, observamos a presença de cores, cheiros e imagens que representam o ambiente corrupto da peça. Nesse sentido, é muito importante a fala do personagem Marcelo, logo no início: “Há algo de podre no reino da Dinamarca” (SHAKESPEARE, 1981, p. 221, ato I, cena 4), a qual já denuncia a presença da podridão, da sujeira, da úlcera, dos males e doenças em geral, que são recorrentes durante a história,

apontando para uma Dinamarca doente por causa da corrupção. Segundo análise de Spurgeon (2006), as imagens de indisposição, doença e remédios aparecem 20 vezes na peça *Hamlet*, como observamos nos trechos:

Hamlet: [...] Em nome da graça divina, minha mãe, não derramais sobre vossa alma a unção lisonjeadora de acreditar que não é vosso delito, mas minha loucura, que vos fala. Isso só faria cobrir e endurecer o *lugar ulcerado*, enquanto a *hedionda gangrena*, minando o interior, poderia tudo *infeccionar disfarçadamente*. (SHAKESPEARE, 1981, p. 277, ato III, cena 4, grifos nossos).

Rei: [...] E tu, Inglaterra, se aprecias minha amizade [...], não acolhas friamente nosso régio mandato, o qual importa plenamente, por cartas pertinentes, com efeito na morte imediata de Hamlet. Faze-o Inglaterra, pois inflama meu sangue como *febre* devoradora e tu deves *curar-me!* (SHAKESPEARE, 1981, p. 284, ato IV, cena 3, grifos nossos).

Rei: [...] Oh! meu delito é atroz! O *corrupto cheiro* que expele chega até o céu! (SHAKESPEARE, 1981, p.271, ato III, cena 3, grifos nossos).

Hamlet: [...] Estás agora compreendendo que é um dever que me afeta [...] que é um perfeito dever de consciência dar-lhe com este braço o que merece? E não seria condenável deixar que esse *cancro* de nossa natureza se perpetue mais ainda com novas perversidades? (SHAKESPEARE, 1981, p. 313, ato V, cena 2, grifos nossos).

De acordo com a autora, “o estado de coisas na Dinamarca que choca, paralisa e finalmente avassala *Hamlet* é semelhante ao repulsivo tumor que vaza para dentro e envenena o corpo todo [...]” (SPURGEON, 2006, p. 298). O veneno, causa de cinco das mortes na peça, também faz parte da imagística da doença, da podridão. O veneno contamina o corpo sadio, assim como a corrupção contaminou o reino da Dinamarca, a mesma que continua a envenenar, a destruir toda a pureza, que também compõe a natureza humana. A corrupção nos sufoca, nos aniquila, mas, infelizmente, ela está presente em nossas vidas como uma erva daninha que estamos constantemente arrancando de nossos jardins, ainda com flores. Hamlet consegue arrancar a erva daninha, Cláudio, mas paga com a própria vida.

Considerações Finais

As obras de Shakespeare nos apresentam um leque muito grande de temas que podem ser analisados. Ressaltamos que o lado perverso é que foi o tema estudado neste artigo, já que fornece muito mais material para análise do que lado bom.

A análise da peça, juntamente com o respaldo da fortuna crítica consultada, permite-nos afirmar que a tragédia shakespeariana *Hamlet*, embora tenha como foco principal a vingança, aborda também a corrupção e a podridão dela resultantes. Cláudio é um personagem desenhado para representar a corrupção em seu grau mais elevado. Por ser

egoísta e covarde, recorre à manipulação dos que o rodeiam, promete favores, intimida, instiga os desejos dos outros, a fim de atingir seus objetivos. Ele é capaz de assassinar, friamente e sem o menor sinal de remorso, os familiares mais próximos para poder beneficiar-se. A corrupção se caracteriza, então, em decorrência da ganância exacerbada. Cláudio ambicionava o trono, que significava poder e riqueza, e Gertrudes, que também representava poder. O desejo de possuir todo o poder no reino da Dinamarca o leva a cometer o regicídio. Cláudio é um corrupto sutil, uma cobra sorrateira que rasteja até o jardim, que poderia ser o Jardim do Éden, e, como um demônio disfarçado de serpente, pica o Rei Hamlet. Ao contrário de peças que enfocam a ação, como *Macbeth*, *Hamlet* se caracteriza pela não ação. A podridão em *Hamlet* está oculta e é totalmente descortinada somente no final da peça.

Esta peça do século XVII demonstra muitos aspectos da natureza humana. Segundo Polidório (2009),

O conhecimento da natureza humana de Shakespeare impressiona. Ele aborda os conflitos do ser humano que sempre existiram, como ódio, amor, usurpação do poder, traição, vingança, o belo, o feio, a tirania, a angústia, a melancolia, a ambição, etc. Todas essas características compõem a nossa natureza. Resumindo, Shakespeare explora o bem e o mal que existem em todos os seres humanos (p. 08-09).

Um desses aspectos é a corrupção que, de tão inerente ao ser humano, permeia todas as instâncias de relações humanas. Retomando o que afirma Rios (1987), “a corrupção, em sentido amplo, está latente em toda relação humana, na perversão de sua natureza e finalidades próprias” (RIOS, 1987, p. 86). Dessa forma, a visão de corrupção expressa nessa tragédia continua sendo atual, uma vez que nossa sociedade permanece ainda hoje exalando o mau cheiro da corrupção política e social. Consequentemente, a atemporalidade da obra aqui estudada, no que se refere à corrupção, é de extrema relevância para a sua sobrevivência. Por isso é isso que ainda continuamos com as análises de obras como *Hamlet*. A corrupção é somente uma das temáticas que podem ser analisadas na grande obra do eterno bardo. A verossimilhança é o que dá característica de atemporalidade à obra, pois a partir do momento em que uma obra pode ser associada, sob alguns aspectos, com a vida, ela trata de questões inerentes ao ser humano, e, portanto, se torna eterna. Justamente por isso Shakespeare se eternizou com suas obras. Ele era um profundo conhecedor do homem e, em tragédias como *Hamlet*, explorou de maneira genial o homem no centro do palco, o homem no centro da vida.

Esperamos que este estudo possa ser útil para futuros trabalhos de análise da tragédia *Hamlet*, que oferece muitas temáticas a serem exploradas, como a luta pelo poder, a traição, o

adultério, a fraqueza feminina, entre outras, todas elas relacionadas aos conflitos e vilezas humanas. Há também a possibilidade de análise comparada a respeito da corrupção presente nesta peça e em outras do mesmo autor. Enfim, a obra de Shakespeare mostra-se uma excelente fonte de estudo não somente do ponto de vista literário e artístico, mas também do ponto de vista psicológico e sociológico.

Referências

BEZERRA, M. O. **Corrupção**: um estudo sobre poder público e relações pessoais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BRADLEY, A. C. **Shakespearean tragedy**: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth. 1. ed. London: Macmillan, 1905.

HELIODORA, B. **Falando de Shakespeare**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

HONAN, P. **Shakespeare**: uma vida. 2. ed. Tradução Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POLIDÓRIO, V. A representação da natureza humana em Hamlet de William Shakespeare. **Revista Travessias**, 03(02):1-15, 2009.

RIOS, J. A. A fraude social da corrupção. In: LEITE, Celso Barroso (Org.) **Sociologia da corrupção**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza**. Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SPURGEON, C. **A imagística de Shakespeare**. Tradução de Barbara Heliodora. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.